

# Um freio na "máquina de destruição"

Sem a presença de chefes de Estado, que não foram convidados pela China, presidente do evento, conferência da biodiversidade começa com duro alerta da ONU. Países têm duas semanas para costurar um documento que estabeleça compromissos de preservação

» PALOMA OLIVETO

Com a advertência do secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, de que o homem se transformou em uma “máquina de destruição em massa”, a 15ª Conferência das Partes das Nações Unidas sobre Biodiversidade (COP15) começou ontem, em Montreal, no Canadá. O desafio dos delegados de 196 países é chegar a um documento, até o dia 19, que garanta, nas próximas décadas, a estabilização e, depois, a reversão da perda de espécies, no momento em que a taxa de extinção de animais e plantas é 1 mil vezes maior que a natural.

Sem o brilho da COP do clima, que atraiu cerca de 100 líderes mundiais no Egito para discutir metas sobre o aquecimento global, esta é, porém, considerada uma das conferências internacionais mais críticas já realizadas. “Talvez seja uma das reuniões mais importantes que a humanidade já teve”, acredita o biólogo brasileiro Alexandre Antonelli, diretor científico do Kew Gardens, no Reino Unido. “Temos uma janela de oportunidade muito estreita para deter a perda de biodiversidade até 2030 e reverter seu declínio até 2050. Talvez nunca mais tenhamos essa chance.” Atualmente, 1 milhão de espécies de animais e plantas correm risco de extinção.

A COP15 acontece com dois anos de atraso, devido à pandemia de covid-19. Embora o Canadá seja a sede do evento, a presidência da conferência é da China, que não convidou governantes. Observadores e cientistas temem que a ausência de líderes diminua o peso das decisões, apesar do senso de urgência para a construção do chamado novo Quadro da Biodiversidade Global. O documento define a agenda da biodiversidade pós 2020, e estabelece metas para que, nos oito próximos anos, a perda de espécies se estabilize e passe a cair em 2050. Por isso, esta edição é considerada fundamental.

YANICK FOLLY



Vista aérea da floresta alagada de Lokoli, no Benin, país da África Ocidental: refúgio para várias espécies raras, ameaçadas e endêmicas

## Economia

“Se não concordarmos em proteger a natureza, então nada mais importa”, discursou o primeiro-ministro canadense Justin Trudeau, antes de ser interrompido por indígenas que fizeram um protesto. “Genocídio indígena é igual a ecocídio”, destacaram os manifestantes. “Não estamos em harmonia com a natureza. Pelo contrário, estamos tocando uma melodia muito diferente, uma cacofonia do caos, tocada com instrumentos de destruição”, definiu António Guterres.

## » Restrição a commodities

Na véspera da abertura da COP15, a União Europeia (UE) anunciou uma lei que proibirá países do bloco de importar commodities associadas ao desmatamento. A mudança no uso da terra, especialmente o desflorestamento para fins agrícolas, é a principal causa da perda da biodiversidade, segundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnud).

“No fim das contas, estamos nos suicidando por poder.”

O secretário-geral da ONU lembrou que o prejuízo econômico causado pela destruição dos ecossistemas é estimado em US\$ 2,7 trilhões anuais a partir de 2030,

por um relatório recente do Instituto Bennett de Políticas Públicas da Universidade de Cambridge. “Como a perda da biodiversidade reduz o desempenho econômico, ficará mais difícil para os países pagarem suas dívidas,

sobrecarregando os orçamentos governamentais e forçando-os a aumentar impostos, cortar gastos ou aumentar a inflação”, explica Matthew Agarwala, um dos autores do documento.

Um dos pontos centrais da COP15 é a chamada meta 30x30: proteger 30% das terras e mares globais até 2030. “Não escolhemos esse número de 30% aleatoriamente. É o limiar crítico segundo os maiores cientistas para evitar o risco de extinção e também para garantir nossa segurança alimentar e econômica. Trinta por cento, isso é bastante viável”, disse Trudeau, ontem.

Kenzo Tribouillard



No fim das contas, estamos nos suicidando por poder"

António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas

O objetivo tem o apoio de todas as partes, exceto da Turquia, que se opôs. A França, por sua vez, considera uma prioridade e quer que o percentual seja mais ambicioso: 50%. Embora os Estados Unidos não façam parte da convenção, o presidente Joe Biden emitiu uma ordem executiva para que o país cumpra, ao menos, esse objetivo.

Porém, o rascunho do texto da conferência tem mais colchetes que palavras, indicando falta de concordância das partes em vários pontos. O principal deles, como na conferência do clima, é a criação de um fundo para financiar ações de proteção da biodiversidade nos países em desenvolvimento. Estipular uma data final para uso de pesticidas e metas sobre mudanças no uso da terra (o desmatamento é o maior propulsor da perda de biodiversidade) são outros pontos conflituosos. O Brasil, por exemplo, se opõe ao objetivo de se alcançar a agroecologia (produção de alimentos de forma sustentável), de mencionar defensivos agrícolas e fertilizantes no documento e na meta de redução de poluição sonora e luminosa, entre outros.

# DNA mais antigo do mundo traz pistas de conservação

Amostras de DNA de dois milhões de anos foram identificadas por pesquisadores europeus, que descreveram a descoberta na revista *Nature*. É o material genético mais antigo detectado até agora e, segundo os cientistas, “devem abrir um novo capítulo revolucionário na história da evolução”. Eles esperam, também, entender melhor como espécies de plantas, animais e micro-organismo conseguem se adaptar a alterações drásticas de temperatura.

Os 41 fragmentos microscópicos foram encontrados em argila e quartzo da idade do gelo, no norte da Groenlândia. Com tecnologia de ponta, os pesquisadores descobriram que as amostras são um milhão de anos mais antigas do que o registro anterior, retirado de um osso de mamute siberiano. O material genético foi usado para mapear um ecossistema de 2 milhões de anos, que resistiu a mudanças climáticas extremas. “As antigas amostras de DNA foram encontradas enterradas em sedimentos que se acumularam ao longo de 20 mil anos. O sedimento acabou sendo

preservado em gelo ou permafrost e, crucialmente, não foi perturbado por humanos por dois milhões de anos”, disse Eske Willerslev, professor da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, e um dos autores do estudo. “O DNA pode se degradar rapidamente, mas mostramos que, sob as circunstâncias certas, agora podemos voltar mais no tempo do que qualquer um poderia imaginar”, acrescentou Kurt H. Kjær, geólogo da Universidade de Copenhague, na Dinamarca.

## Depósito

Com alguns milionésimos de milímetro de comprimento, as amostras foram retiradas da Formação København, um depósito de sedimentos de quase 100m de espessura, localizado dentro da foz de um fiorde no Oceano Ártico, no ponto mais ao norte da Groenlândia. O clima na região variava, mas era de 10°C a 17°C mais quente do que hoje.

Os cientistas descobriram evidências de material genético de animais, plantas e microorganismos, incluindo renas, lebres, lemingues, bétulas e choupos. Os

Professor Kurt H. Kjær/Divulgação



As camadas orgânicas mostram vestígios da rica flora e da fauna de insetos que viveram há dois milhões de anos em Kap København

separá-lo com sucesso do sedimento para examiná-lo. A resposta foi sim.

“Um dos fatores-chave aqui é até que ponto as espécies serão capazes de se adaptar à mudança nas condições decorrentes de um aumento significativo da temperatura. Os dados sugerem que mais espécies podem evoluir e se adaptar a temperaturas muito variadas do que se pensava anteriormente”, conta Mikkel W. Pedersen, co-primeiro autor do artigo. “Mas, crucialmente, esses resultados mostram que eles precisam de tempo para fazer isso. A velocidade do aquecimento global de hoje significa que organismos e espécies não têm esse.”

Os pesquisadores esperam, agora, que alguns dos “truques” do DNA de plantas de dois milhões de anos possam ser usados para ajudar a tornar algumas espécies ameaçadas mais resistentes a um clima mais quente.

pesquisadores até identificaram que o mastodonte, um mamífero da Era do Gelo, vagou até a Groenlândia antes de ser extinto. Anteriormente, pensava-se que o alcance dos animais

parecidos com elefantes não se estendia até a região, desde suas origens conhecidas, na América do Norte e Central.

O trabalho de detetive de 40 pesquisadores da Dinamarca,

Reino Unido, França, Suécia, Noruega e Estados Unidos foi meticuloso. Primeiro, eles precisavam estabelecer se havia DNA escondido na argila e no quartzo e, caso confirmado, se poderiam